

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
CADERNOS DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA
SÉRIE A: TRABALHO DE PESQUISA

ANTROPOLOGIA DO CORPO E PESQUISA SOBRE SEXUALIDADE:
DADOS QUALITATIVOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO,
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

ONDINA FACHEL LEAL
JANDYRA MARIA GUIMARÃES FACHEL

SÉRIE A, N° 41
PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 1994

Versão Preliminar

GT: Pessoa, Corpo e Doença
Coordenado por Luiz Fernando Duarte
XVIII Encontro Anual da ANPOCS
Caxambú, MG - 23 a 25 de novembro 1994

**Antropologia do Corpo e Pesquisa sobre
Sexualidade: Dados Qualitativos e
Tratamento Estatístico, uma Proposta
Metodológica**

*Ondina Fachel Leal^{**}
Jandyra Guimarães Fachel^{***}*

* Além dos autores referidos, este trabalho contou com contribuições fundamentais de Marco Aurélio Mangan (programador e técnico em informática), Daniela Knauth e Leandro Saraiva, pesquisadores vinculados ao Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde, Departamento de Antropologia da UFRGS.

** Doutora em Antropologia pela University of California, Berkeley.
Professora do Programa de Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Av. Bento Gonçalves, 9500 / CEP: 91 509-900 Porto Alegre RS

*** Doutora em Estatística pela *London School of Economics*.
Professora no Departamento de Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Antropologia do Corpo e Pesquisa sobre Sexualidade:
Dados Qualitativos e Tratamento Estatístico*

Uma Proposta Metodológica

A emergência de um *objeto* e de um *campo* que tem sido nomeado nas ciências sociais e áreas afins como *saúde reprodutiva* (o que engloba práticas sexuais, reprodução e contracepção, e doenças sexualmente transmissíveis) nos remete a pensar em novos aportes metodológicos que dê conta da especificidade deste objeto. Vários aspectos poderiam ser aqui abordados: a constituição de um *campo* enquanto tal a partir da demanda de fontes financiadoras; a ênfase de um conhecimento voltado para a aplicação; questões éticas que envolvem o procedimento de pesquisa e manipulação de dados. Parece-nos que nenhuma destas questões tenha sido suficientemente discutida em um fórum nacional das ciências sociais propriamente ditas. Outras áreas como a demografia, epidemiologia e medicina, de onde imigrou o conceito de *saúde reprodutiva*, possivelmente terão se debruçado sobre estas questões, mas com parâmetros que dizem respeito aquelas áreas de conhecimento.

Mas o assunto a ser diretamente abordado aqui será uma proposta de procedimento metodológico que visa dar conta de outra questão fundamental, e porque não paradoxal, que a *saúde reprodutiva* nos impõe. Esta se lidando com *sexualidade*, tema que em nossa tradição cultural é da ordem do *íntimo*, da *subjetividade*, da *individualidade*, enfim, do *privado*, valores que enquanto tais,

deveriam permanecer aquém do escrutínio das ciências sociais objetivantes. A antropologia, em sua tradição etnográfica, esmiuça por vezes o *privado* dos *outros* (mesmo quando não foi convidada), e tem algo de concreto como procedimento de investigação a oferecer para o desvendamento deste *privado*¹. Além disto, dentro do escopo da teoria antropológica existe uma discussão relevante a respeito de corpo, corporalidade, técnicas corporais, *eventos corporais elementares* (como nascimento e morte, prazer e sofrimento), enfim, o próprio corpo em sua capacidade de significar e processos biológicos enquanto construtos sociais².

Ao mesmo tempo, as limitações do próprio método etnográfico, que nos proporciona um conhecimento denso, *íntimo*, que prioriza a qualidade do dado - e neste sentido, é alí que repousa sua "veracidade" - baseiam-se no fato de que não trabalhamos com preocupações de representatividade, no sentido estatístico. E é exatamente aí que todo nosso esforço em "chegar lá", desvendar o "indesvendável" - a sexualidade do outro - torna-se um tanto inútil, a medida que nossa interlocução com as outras áreas, mais comprometidas com a positividade do dado, vêm com desconfiança, aquilo que tomamos como

¹ Refiro aqui a textos clássicos da antropologia, como por exemplo, Malinowski, *Sex and Repression in Savage Society* (1927), Margareth Mead, *Sex and Temperament in Three Primitive Societies* (1950), entre outros.

² A noção de "forma elementar do evento" referindo-se a eventos corporais é de Augé 1986. A bibliografia a respeito do corpo enquanto elemento de significação, ou, dito de outra forma, o corpo tomado de uma perspectiva cultural, é muito ampla. Apenas como referencias seminais citemos Mauss (1974), Hertz (1970), Bastide (1983), Leroi-Gourhan (1987).

evidências na construção do argumento antropológico: nossos "troféus" do trabalho de campo extensivo, longos depoimentos, uma piada, um provérbio, uma canção, um desenho feito pelo informante, um mapa. De fato, não estaremos nunca discutido subjetividades (isto é o ofício da psicologia) mas, sociabilidades, relações sociais, práticas sociais. E se assim é, como passamos do evento à regra, do fato individual ao padrão de comportamento?

O limite do procedimento antropológico está também naquilo que é eixo de sua riqueza, o fazer etnográfico centra-se na pessoa do etnógrafo, para sermos mais exatos, de um antropólogo que vai a campo: olhar teinado e atento, convive, observa, descreve, faz perguntas, houve histórias, familiariza-se, busca sentido e reconstrói uma totalidade mais ou menos coerente em seu texto etnográfico. *Com-viver* exige tempo e esta é condição da síntese a ser feita por este sujeito que etnografa. O somatório do tempo de observação de vários sujeitos, não substitui o tempo de um só observador.

Por outro lado, áreas como a epidemiologia, a demografia e a própria sociologia, tem abordado sexualidade com as ferramentas que lhe são familiares: procedimento amostral, aleatoriedade, o que no entendimento destes campos garantem representatividade e significância estatística. Ou seja, temos a *survey*, em sua forma tradicional, questões fechadas, pré-codificadas, neutralidade na aplicação "do instrumento", em resumo, a possibilidade de poder lidar com um número (quantitativamente) representativo de casos.

Não se trata aqui de nos alongarmos em apontarmos as limita-

ções e as vantagens dos diferentes procedimentos, já por demais conhecidos por todos nós. Trata-se de insistir na possibilidade, ou melhor, fazer uma proposta, metodológica de combinação de diferentes procedimentos, visando sobretudo a especificidade, como foi indicado, do objeto *saúde reprodutiva* ou, mais especificamente, *sexualidade*.

Esta proposta combina uma abordagem antropológica do objeto, um procedimento etnográfico de pesquisa e conseqüente material "qualitativo", com procedimentos estatísticos, análises tanto estatística (análise fatorial de correspondência) quanto antropológica e ferramentas informatizadas que permitem a montagem de um banco de dados, gerenciamento e cruzamento destes dados. Trata-se, portanto, de um modelo de pesquisa preocupado com a interface entre dados qualitativos, sistematização dos dados, quantificação e análise em uma perspectiva que dê conta da sutileza dos dados.

Este procedimento metodológico foi desenvolvido e colocado em prática na pesquisa intitulada "Corpo, Sexualidade e Reprodução: Um Estudo de Representações Sociais", recebendo o suporte financeiro da Organização Mundial de Saúde³

³ A pesquisa "Body, Sexuality and Reproduction: A Study of Social Representations" (OMS/HRP Project 91398 Brazil) é coordenada por Ondina Fachel Leal e é financiada pelo *Special Programme of Research, Development and Research Training in Human Reproduction, World Health Organization*. A estruturação do Banco de Dados foi feita por Leandro Saraiva, Marco Aurélio Mangan e Mário Guimarães Jr. Com todos os investigadores vinculados ao *Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde* (PPGAS/UFRGS), sobretudo Ceres Victora e Daniela Knauth, mantivemos uma discussão constante que nos possibilitou o desenvolvimento deste modelo de pesquisa e a elaboração do presente trabalho.

O esquema (*figura 1*) na página 7 resume este procedimento e, neste texto, nos remeteremos constantemente a ele. O esquema refere a fase de pesquisa propriamente dita, mas nos parece fundamental indicar que partiu-se de uma proposta que identificamos como *antropológica* o que significa em nosso entendimento, grosso modo, ter como perspectiva a apreensão da vida social enquanto totalidade onde, ainda que o foco de análise seja sexualidade, supõe que representações e práticas que dizem respeito à sexualidade, enquanto um domínio específico, se inserem em todo um sistema de crenças, representações, valores, organização familiar, organização da subsistência, etc. etc. e só fazem sentido quando referidas à esta globalidade de, digamos, *disposições sociais*. Além disto (ou exatamente por isto), nossa preocupação se dá ao nível de desvendarmos significados (no sentido semiológico) não apenas correlacionarmos quantitativamente eventos empíricos.

Dito isto, descreveremos de forma objetiva as diversas fases do procedimento da pesquisa. Uma série de questões de ordem mais epistemológica e teórica poderiam ser abordadas, mas nos limitaremos para fins deste trabalho no procedimento de coleta, organização e manipulação dos dados.

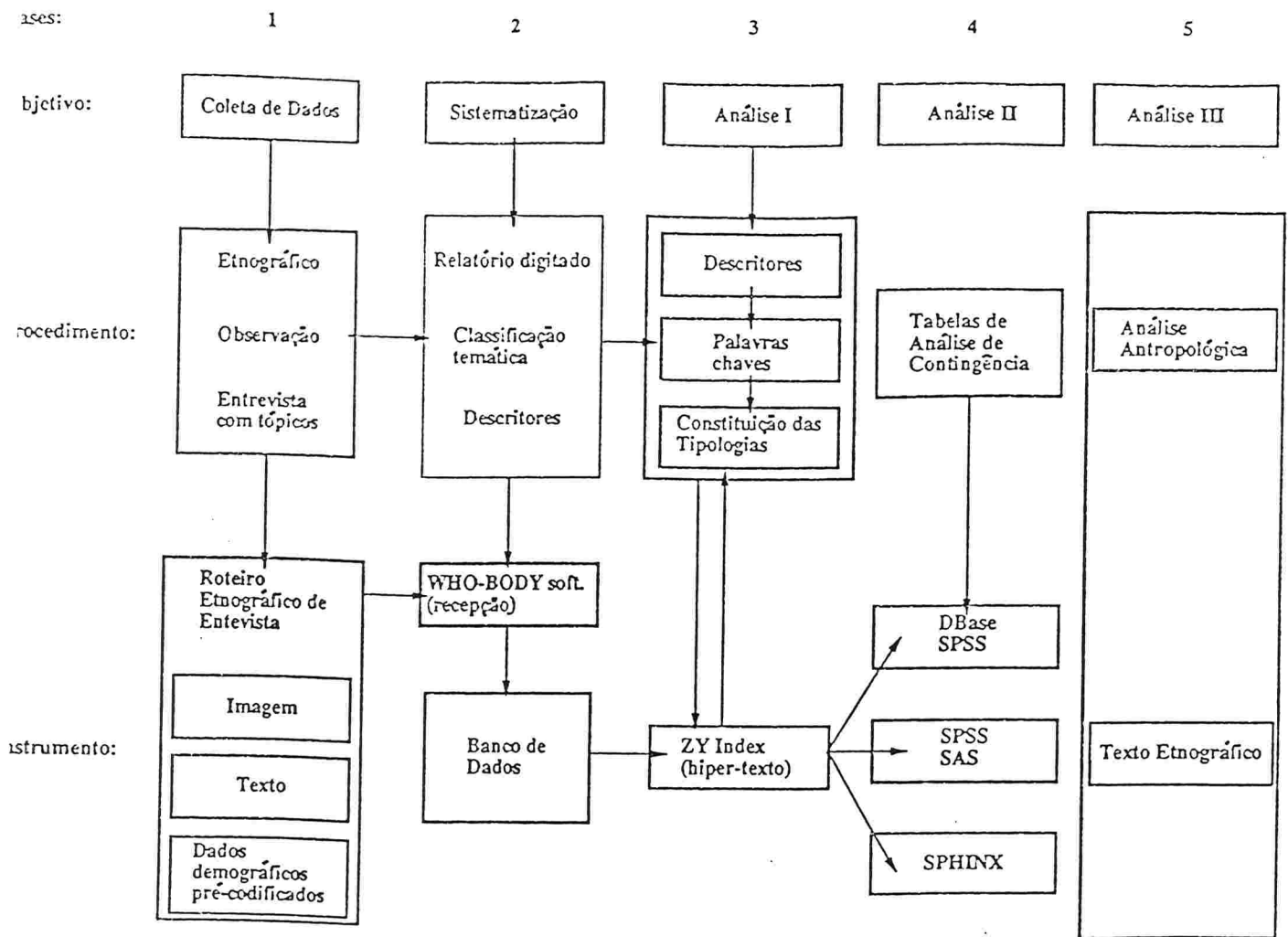


Figura 1

FASE I: Coleta de Dados

Buscou-se realizar uma espécie de "etnografia concentrada"⁴, tendo como universo de pesquisa quatro vilas de favela da área metropolitana da cidade de Porto Alegre, que tem a peculiaridade de serem atendidas por Postos Comunitários de Saúde. Visando uma representatividade estatística, trabalhou-se através de entrevistas e observações, com um número de 200 casos (100 homens e 100 mulheres), bem maior que o normalmente utilizado em pesquisas etnográficas. Os casos foram escolhidos buscando a relevância para a objeto a ser investigado, isto é, pessoas dentro da fase reprodutiva, distribuição etária da população) o que de uma perspectiva estatística seria identificado como *uma amostra intencional por quotas*. Além de levarmos em conta critérios "antropológicos" tais como: empatia com o entrevistador, disponibilidade para a entrevista, etc.

O objetivo geral dessa primeira fase da pesquisa é obter informações sobre várias dimensões da vida do entrevistado, como acima referido. Tratando-se de um número relativamente grande de informantes para entrevistas e observações em profundidade, foi

⁴ O procedimento mais próximo a este que conhecemos é o RAP (Rapid Assessment Procedures), trata-se de um roteiro etnográfico de entrevista, desenvolvido na área de antropologia médica. A respeito do RAP como instrumento ver Scrimshaw e Hurtado (1987). Outros trabalhos que desenvolvem uma reflexão a respeito das possibilidades dos dados etnográficos Agar (1980), Becker (1993), Heggenhougen et al. (1990), Mitchell (1987), Peacock (1986). Os diversos autores citados não estão discutindo a possibilidade de informatização, desenvolvimento de banco de dados etnográficos ou cruzamento de variáveis.

necessário também utilizarmos um número grande de entrevistadores (com formação em antropologia) e foi criado um instrumento de pesquisa, o REE (Roteiro Etnográfico de Entrevista). Trata-se de um roteiro de entrevista e de observação. A orientação é a de que entre o entrevistador e o entrevistado deve ser estabelecida uma relação informal, com cumplicidade e agradável. A ênfase da entrevista é a situação etnográfica, em detrimento de perguntas e respostas fechadas. Os esforços de sistematização dos dados deve ser feito sobretudo a posteriori. O fluxo da entrevista deve seguir a fala do entrevistado. É fundamental nos relatórios pertinentes a cada tema e/ou no relatório geral final incorporar todos os dados de observação e da própria situação de entrevista. Sugere-se um mínimo de 4 encontros para cada entrevista: o primeiro onde se estabelece um contato inicial e fica definida a disponibilidade do entrevistado para a sequência de entrevista.⁵ No campo, estima-se cerca de 10 horas, no total, de entrevista para cada informante. Além deste tempo, a elaboração digitada do relatório no programa de recepção desenvolvido para este fim, toma cerca de pelo menos 10 horas, o que deve estar em andamento à medida que a entrevista desenrola-se. Em função disto, cada investigador tem que ter fácil acesso a um computador pessoal.⁶

⁵ A orientação é a de que o entrevistador deve explicar o objetivo da pesquisa, as condições de confiabilidade dos dados, indicar a possibilidade do entrevistado não querer responder alguma das questões ou interromper a entrevista. Deve haver um consentimento do entrevistado para a entrevista.

⁶ Problemas operacionais de acesso fácil à computadores foram resolvido com o uso de modelos portáteis de CP (*laptops*), que

Durante a situação de entrevista notas são tomadas pelo entrevistador, ou se este preferir e seu entrevistado consentir, poderá fazer uso do gravador. Depois disto, para cada questão deve ser sistematizada as informações conforme é solicitado e para cada *Relatório Temático (RT)* (comentários, *memos*) observar cada item do roteiro etnográfico específico.

Uma problemática importante se coloca aqui: como não se trata apenas de um etnógrafo, treinar um determinado olhar, focar e sistematizar determinadas informações de forma mais ou menos homogênea para todos os casos, torna-se um grande desafio para a pesquisa. O treinamento dos investigadores de campo é um processo intenso e custoso. O importante é que cada investigador tenha bem claro quais são os focos temáticos e que discussões teóricas estão em jogo. Trata-se de um investigador-informado. A explicação pormenorizada dos objetivos de cada questão do REE, assim como dos modos de utilizá-lo, encontra-se no "Manual de Orientação do REE"¹.

circularam entre os entrevistadores. Em função disto, o programa de recepção dos dados teve que ser adaptado ao uso de computadores mais simples tipo *xt*. No preenchimento do Relatório, indicado o código, o entrevistado deve ser sempre referido como *ego*, omitindo-se assim seu nome e garantindo a confiabilidade da entrevista. Questões éticas relativas a confiança dos dados tornam-se fundamentais, não apenas porque a temática no caso lida com uma dimensão da vida íntima dos informantes, mas porque os dados entram quase concomitantemente para um banco de dados informatizado, cuja manipulação embora restrita, envolve um número relativamente grande de investigadores. Ou seja, uma vez finda a situação de entrevista, rompe-se, em certa medida, a situação etnográfica clássica de intimidade e cumplicidade do antropólogo e seu material.

¹ O "Manual" é extremamente detalhado no que se refere a orientação. Por exemplo, lê-se no Manual, a respeito de "*comentários sobre as atividades de lazer: o foco da questão é detectar quais os canais de informação a que está ligado o ego, tanto no que*

FASE II

Sistematização: Recepção e Registro de Dados e Uso de Descritores

De modo geral o REE - o *roteiro etnográfico de entrevista* - com sua divisão por seções temáticas que devem, na prática, converterem-se em tópicos de conversação, é um primeiro esforço de sistematização dos dados, à medida que os entrevistadores têm que organizar as informações obtidas em campo em unidades temáticas de narrativas significativas (os textos dos *memos*/relatórios informatizados), às quais estão associadas também conjuntos temáticos de questões fechadas.

As informações de cada entrevista serão registradas pelo próprio entrevistador em um programa de recepção de dados, desenvolvido especialmente para este fim, o *WHQ-BVDY software*.⁹ Todas as questões do REE estão reproduzidas neste programa. Este programa tem capacidade de receber todas as informações diretamente contempladas no REE e, além disto, outros dados de observações, ou seja, o preenchimento do *WHQ-BVDY software* é um momento etnográfico de sistematização e elaboração das informações coletados no campo.

O REE contempla também informações na forma gráfica (planta baixa da moradia do informante, mapa de parentesco, desenhos

fica com o campo foi essencial a atual investigação.

⁹ O programa, como foi mencionado, foi desenvolvido por Marco Aurélio Mangan, que é também responsável por todo o acompanhamento do projeto em termos de informática. O *software* foi criado especificamente para a recepção deste relatório. Encontra-se em fase de desenvolvimento um programa para qualquer investigação preocupada com dados qualitativos/abertos e sua sistematização e posterior associações estatísticas.

corporais) que, através do uso de *scanner*, vão compor bases gráficas específicas no banco de dados. Como o exemplo na figura abaixo (Figura 2):

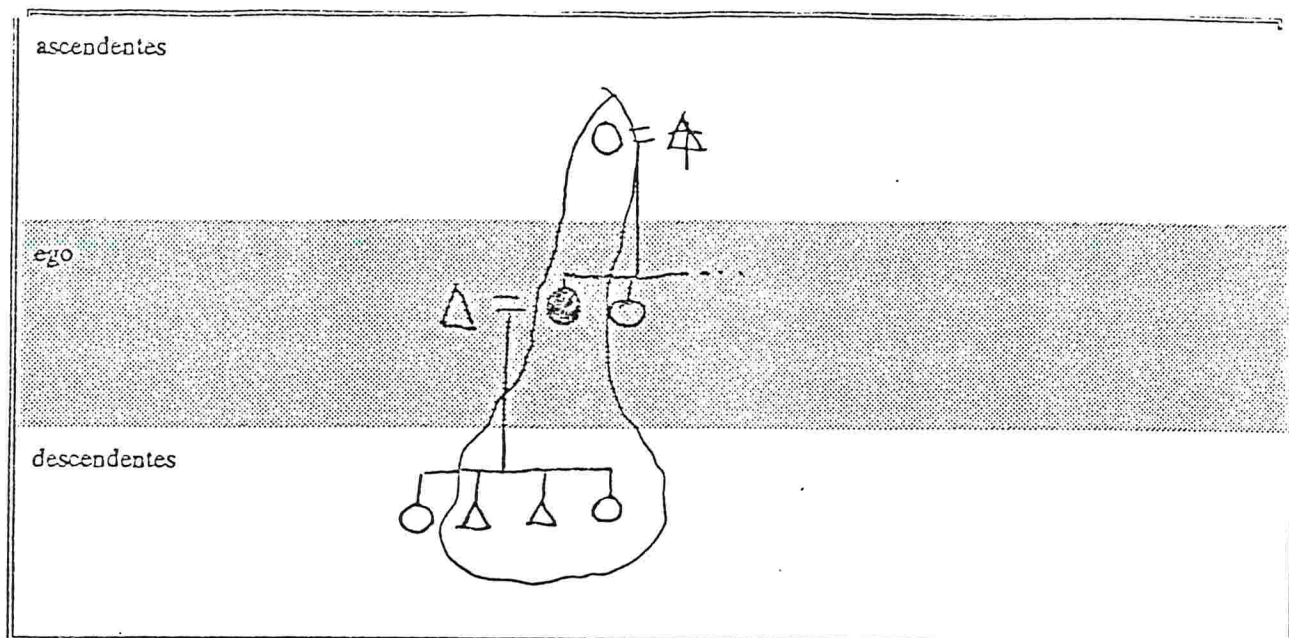


figura 2

Além da organização da própria entrevista em tópicos temáticos, que preferencialmente deve também observar tempos e encontros diferenciados na situação de entrevista, outro recurso de sistematização e *focus* fundamental é a criação de "descritores". *Descritores* são conceitos que convencionamos para indicar conteúdos temáticos específicos dos relatórios, conformando um sistema de indexação dos dados etnográficos. Estes descritores são utilizados pelo entrevistador no preenchimento do *WH@-BVDY software* conforme as sugestões de cada Relatório Temático, indicadas na orientação de cada questão em um *manual de orientação* e na lista de *descritores* que é apresentada na tela do programa de recepção sempre que

solicitada esta função. Os descritores sugeridos para cada questão podem ser complementados por outros descritores constantes na lista geral anexa, onde há também uma tentativa de definição de cada um dos destes conceitos. Não necessariamente todos os *descritores* sugeridos para cada *memo* (campo aberto no programa de recepção) tem que ser utilizados, mas eles devem balizar a própria entrevista. Uma lista de descritores contém uma definição destes conceitos; a lista pode ser modificada e conceitos redefinidos ou mais especificados com o andamento da pesquisa.

A figura seguinte (Figura 3) indica a orientação para a questão e a sugestão dos *descritores*, os últimos, conforme aparecem na tela do programa de recepção, são descritores sugeridos para a questão específica:

B.18. *Comentários sobre a situação de moradia*: o foco da questão é o espaço físico como meio de demarcação de privacidade ou não. Observar como a disposição espacial da moradia e das peças de cada casa estabelecem (ou não) formas de sociabilidade entre vizinhos (ex. conversas e banhos no tanque, contiguidade dos pátios, cercas) e entre membros da mesma unidade (ex. quem dorme onde, circulação pela casa).

Descritores:

<núcleo>
<privacidade>
<vizinhança>
<contiguidade>

Figura 3

Criou-se *descritores* de dois tipos, *descritores conceituais* que refere-se ao conteúdo das falas e *descritores discursivos* que referem-se aos estilos das falas ou trechos das falas dos entrevis-

tados. Estebeleceu-se determinadas convenções para notações como, por exemplo, o uso dos termos no singular, ainda que se refiram a algo plural. Os *descritores conceituais*, referem-se ao assunto que está sendo abordado, serão sinalizados por um sinal convencional, indicando o início e o fim do termo ou expressão, por exemplo, <aliança>, <aborto>, <contágio>, <vizinhança>. *Descritores discursivos*, como foi dito, indicarão se há um relato, uma piada, uma receita, etc., no texto. Estes, de número reduzido, serão sinalizados diferentemente, como por exemplo, <<piada>, <<proverbio>, <<receita>, <<simpatia>, etc. Observar que sinais devem ser utilizados sempre sem espaço entre este e a primeira ou última letra do termo.

Os *descritores* devem ser indicados no final de cada parágrafo relativo ao assunto descrito. Caso isto não seja possível (assuntos justapostos), usar os *descritores* ao final de cada *relatório temático* ou *memo*. A função do uso dos *descritores* é indicar a ocorrência do evento no relato, semelhante ao uso de palavras chaves. Estamos fazendo uma distinção entre *descritores* e *palavras chaves* a medida que correspondem a níveis e momentos diferenciados de análise.

Um dos objetivos da pesquisa é o de resgatar conceitos *êmicos*, portanto, o entrevistador deve preocupar-se em registrar estas noções e expressões e mantê-las em sua forma original, no que se refere sobretudo às disposição contraceptiva, práticas sexuais, disposição sexo-gênero, doença (AIDS). Orienta-se que no preenchimento do relatório informatizado (WHO-BVDY software) cada conceito

ênico deve ser sinalizado por convenções previamente definidas e de uso comum.¹⁰

A homonização de "preocupações" antropológicas, bem como uma padronização de nomenclatura é fundamental, em se tratando de um grupo de diversos pesquisadores. Mas, percebemos também que a exigência de adotarmos um procedimento de sistematização detalhista acabou refinando, enquanto técnica, todo o desenvolvimento da pesquisa e nos impôs um aprendizado de rigor de sistematização, geralmente deixado de lado na tradição do trabalho etnográfico, esforço este sempre centralizado na pessoa de um antropólogo. A preocupação com o uso conceitual que indicaria a existência ou não de um determinado fato social exigiu também uma preocupação teórica na precisão do uso de categorias analíticas. Questões que em um trabalho mais "artesanal" e solitário de etnógrafo já não nos colocamos, voltam a tona com muito vigor: que indicadores empíricos exatamente nos indicam este ou aquele fato social ou determinado

¹⁰ Por exemplo, observou-se as notações: o uso de chaves, sinaliza conceitos ênicos (por exemplo, {comprimido}, {capacete}, {se cuidar}, {receber visita} referindo-se respectivamente à anti-concepcional oral (ACO), condom, coito interrompido (CI), ficar menstruada. Expressões inteiras que compreendem uma unidade conceitual são indicadas entre chaves também, como por exemplo {botar casaco no rapaz} ou {fica em roda feito urubu}, referindo-se respectivamente, à uso de condom, e coito anal (CA). Transcrições literais mais amplas da fala do entrevistado devem ser indicadas pelo uso de aspas. Caso dentro destas falas haja conceitos ou expressões ênicas, estas são indicadas também entre chaves. Em alguns casos, tais como os termos *nervos*, *assumir* e *gotas*, conceitos ênicos foram incorporados como *descritores*, nesta situação, quando estão sendo utilizados na função de descritores, a notação para conceito ênico não deve ser empregada. A fim de uniformizar os relatórios, estabeleceu-se também algumas palavras e abreviações padronizadas que passaram a constar em um lista.

valor social - passa a ser uma questão importante, já que não podemos identificar eventos com diferentes critérios.

Quanto aos procedimentos em informática, como foi mencionado, cada investigador recebeu uma cópia do programa de recepção WHO-BVDY *software*, adaptada ao computador pessoal que deveria usar. O programa reproduz na tela do computador o REE, tópico por tópico. As telas de reprodução das seções do REE são "máscaras" de um banco de dados, cada questão correspondendo a uma variável no banco de dados. Ou mais especificamente, de duas bases de dados: uma de questões fechadas, outras de questões abertas.

No presente trabalho nos restringiremos a problemática metodológica das interfaces *trabalho de campo/relatório informatizado/manipulação de dados*. Mas se faz necessário indicar que um cuidadoso procedimento de recepção dos diversos relatórios foi criado, além de toda uma estruturação de banco de dados, discussão que será foco de nossa atenção em outro trabalho.

O WHO-BVDY *software* que registra os dados foi desenvolvido em interação continuada entre o programador e os usuários, levando-se em conta, desde o início, que alguns dos entrevistadores não tinham familiaridade com informática. O programa é auto-explicativo e interativo, apresentando tela de "ajuda", "menu", e semelhante a um processador de texto, apresenta os recursos usuais de um processador de texto. Como já foi indicado, apresenta também uma lista de *descritores* e a possibilidade de "copiar" e "mover" textos, o que significa deslocar variáveis no banco de dados.

A guisa de exemplo, as figuras 4 e 5 mostram como fica a tela

do programa de recepção com o relatório de uma questão, com o uso dos *descritores*:

Memo B.18 Variavel: MORCOM
Existem formas de especificas de sociabilidade estabelecidas entre ego e seus vizinhos, que sao seus familiares, no sentido da utilizacao de determinadas coisas inexistentes na casa de ego como geladeira, tv, banheiro, tanque... Alem disso ego circula constantemente pelas casas de sua irma e de sua mae. Com relacao ao vizinho dos fundos nao existe nenhum contato, pois o acesso dele para rua e pelo lado de tras, nao transitando pelo terreno de ego.
<vizinhanca> <reciprocidade> <familia> <sociabilidade>

Figura 4

Memo P.7 Variavel: SEX7COM
Disse que normalmente, quando era casado, tinha relacao tres vezes por semana, mas como nao esta mais vai na casa das mulheres que moram sozinhas na vila, que sao tres, "e ate se faz bacanal".
<circulacao de parceiros>
Para ego, a mulher goza melhor que o homem pq "e mais potente, tem mais forca, muito mais que no homem. A mulher tem capacidade de dar 10 a 15. A mulher e inesgotavel".
<prazer>
Comentou que quando era casado nunca foi dominado pela mulher no sentido de pratica sexual, disse que "quando queria tinha na mao". <violencia>
Falou da mulher do falecido irmao. Nao gosta dela para transar "nao gosto de mulher tetuda, mulher tem que ter pra encher a mao e nao pra fazer travesseiro. Aquela nao da nem pra da uma trepada".
<<piada> <preferencia>
Quando ego estava falando sobre a busca de mulheres fora de casa explicou-me uma receita para testar se a mulher nao esta com nenhuma doenca sexualmente transmissivel: "largo um pouquinho de limao, so o caldo, se ela berrar ta com doenca".
<circulacao de parceiros> <<receita> <DST>

Figura 5

FASE III

Análise: Manipulação dos Dados e Criação de Tipologias

O REE (*Roteiro Etnográfico de Entrevista*) possui cerca de 70 questões abertas, para um total de 200 entrevistas, o que nos dá um total de 14 mil textos (relatórios específicos relativos a *memos* ou campos abertos no banco de dados). Para a análise do material é necessário agilidade na manipulação deste volume de informações. Adotamos para este fim, um programa de gerenciamento de texto disponível no mercado, o *Z&Y Index* (produzido por ZY Lab).

Depois de reunir todos os relatórios das entrevistas em um único banco de dados, cada variável-texto de cada entrevista recebe um nome (código da questão mais o código que identifica a entrevistada). Estes nomes de variáveis compõem o índice de textos sobre os quais o *Z&Y* operará. Feito isto, podemos fornecer ao programa mensagens de buscas combinadas que permitem o rápido acesso ao conjunto de textos (ou em última análise, *evidências etnográficas*) que nos interessam em determinado passo da análise dos dados.¹¹

Utilizando combinadamente um editor de textos em *ambiente windows* podemos fazer modificações nos textos em que estamos trabalhando, como, por exemplo, incluir novos *descritores*, ou, em uma etapa mais refinada de análise, *palavras-chaves*. Preservamos a noção de palavras-chaves para conceitos mais analíticos; os

¹¹ Por exemplo, textos da *Questão G.3 (Comentários sobre religião)*, que contenham referências a *aborto* (via descritor <aborto>) no conjunto de mulheres que já fizeram aborto, ou, nas que falaram sobre aborto.

descritores. como foi indicado são incluídos no relatório pelo entrevistador ou investigador de campo, as palavras-chaves, com uma diferente notação gráfica, são incluídas no material original pelos investigadores principais, conforme temáticas e interesses específicos de análises que venham a desenvolver. As *palavras-chaves* sendo mais abrangentes e num nível maior de abstração podem englobar vários *descritores*.

O programa Z&Y nos permite acessar, com extrema rapidez, qualquer palavra textual em qualquer texto de qualquer relatório (no total no caso desta pesquisa de 14 000). Neste sentido não seria necessário o uso de descritores, mas os *descritores* não só funcionam, como mencionamos, como um refinamento do foco de análise e padronização do que deve ser observado prioritariamente, mas nos permitem também indicar o fato sociológico que corresponde a um evento empírico (por exemplo, <*sociabilidade*> para sinalizar que há o relato de um grupo de jovens na esquina, etc).

Um momento importante do processo de análise é - uma vez criadas todas as condições para um acesso rápido e continuado ao material original de pesquisa, isto é, o banco de dados - podemos construir tipologias que nenhuma das questões fechadas nos dão ou que não são específicas de nenhum tópico do relatório. Trata-se de tipologias que supõe uma avaliação analítica e critérios do investigador, como por exemplo, tipologia de *trajetória de vida* (ascendente, descendente, homogênea) ou tipologia de *redes de relações* na qual o informante participa (densas/fluídas ou verticais/horizontais, etc). Conforme a tipologia, busca-se também

a construção de critérios de classificação dos informantes (por exemplo, distinção social), no caso sobretudo de tipologia de valores. O objetivo geral é chegarmos a um conjunto de tipos (no caso da pesquisa da OMS, tipos de comportamento sexual, ou uma determinada *disposição* reprodutiva ou contraceptiva) e poder associa-los a um perfil de agentes ou situações sociais. Para isso a necessidade da criação dos critérios de classificação, que estamos denominando *tipologias*).

É importante frisar que essas tipologias, via de regra, não são o leque de respostas de questões fechadas (não se trata, por exemplo, de algo como uma tipologia do estado civil). Diferenciamos 3 dimensões de organização dos dados: 1. *Campos* (no banco de dados), ou seja, determinadas variáveis definidas previamente à pesquisa e suas respostas; 2. *Variáveis*, que na sua maioria têm sido definidas durante a pesquisa e devem se referir aos pontos centrais, que distinguem grupos dentro da população pesquisada; e 3. *Tipologias*, ou seja, os valores possíveis das variáveis (tratam-se, em termos estatísticos, de variáveis categorizadas, e não de variáveis numéricas).

Então, ao termino da investigação teremos algo como um conjunto de características que combinadas em determinados padrões, delimitam diferentes grupos (os tipos finais de comportamento sexual) dentro do universo pesquisado. Por exemplo, pessoas com *situação de status/ 3*, com *concepção religiosa/ 4* e com *padrão de reprodução material/ 1* tem um tipo de *comportamento sexual/ 5*. Neste exemplo fictício, as "variáveis" estão em itálico, e os

valores correspondem à uma alternativa de uma tipologia classificatória.

Quanto aos procedimentos operacionais envolvidos na elaboração de de tipologias, em geral, os pesquisadores responsáveis definem, num primeiro momento nem sempre com muita precisão, uma "variável" e escolhem um conjunto de *campos* onde imaginam, poder encontrar informações sobre ela. É preciso então, quer diretamente na tela do computador ou gerando um *output* impresso (quando vários pesquisadores vão trabalhar e discutir o material) constituído desse conjunto de campos solicitados, para cada entrevista. O material é analisado pelos pesquisadores. Caso o trabalho seja bem sucedido (isto é, se houver dados suficientes, se o grupo não for totalmente homogêneo, se o que suporta a busca da variável tem alguma procedência) será obtida uma tipologiã, uma categorização da variável, capaz de classificar cada uma das entrevistas num determinado "valor da variável". Feito isso, a variável, e seu valor/categoria para cada entrevista, será inserida na base de dados de tipologias, onde constam apenas os códigos de identificação e as variáveis, agora transformadas em campos.

Novamente, este processo é feito via Z&Y, com uma mensagem de busca com sintaxe: "in ci {[conjunto de entrevistas consideradas]} and [nome do campo] and [nome do campo] etc". O Z&Y identificará as entrevistas-relatórios e os títulos dos campos, que serão marcados e transferidos para um arquivo-documento, que será posteriormente impresso ou manipulado *on screen*.

A elaboração de tipologias pode, em alguns casos, representar

uma conclusão analítica. Por exemplo, a partir da análise do material foi possível construirmos uma tipologia ou uma taxionomia dos procedimentos abortivos existentes no universo pesquisado. Podemos associar estes procedimentos abortivos também a juízos de valores, que de fato classificam e inclusive definem (na perspectiva do grupo) o evento *aborto*. Temos então uma tipologia com associações meramente qualitativas (no caso, há uma impossibilidade e nos parece desnecessário a quantificação) que desvendam ou nos auxiliam a entender o fenômeno *aborto*. A figura a seguir (Figura 6), como exemplo, apresenta esta tipologia:¹²

aborto	situação				procedimento		agente		
	1	2	3	4	oral	vaginal	auto	part	med
tolerável	X				X		X		
condenável			X	X				X	
recomendável		X			X		X		

Figura 6

FASE 4: Análise Fatorial de Correspondência

Essa é a fase em que se utiliza a *Análise Fatorial de Correspondência*, uma técnica estatística que permite medir e visualizar, de modo gráfico, o grau de associação entre um conjunto de variáveis

¹² Para uma análise de procedimentos abortivos com dados coletados nesta pesquisa ver Leal e Lewgoy (1993):

qualitativas, para uma determinada população. Trata-se de um método estatístico descritivo que nos permite ir percebendo se há ou não correlações significativas entre variáveis categóricas durante o andamento da própria investigação, testando hipóteses ou descobrindo associações que não haviam sido previstas. Desta forma, esta técnica estatística está sendo utilizada de forma complementar à análise antropológica propriamente dita.

Esta técnica busca uma medida que nos indica se tendências para determinadas associações. Além disto, variáveis que em uma tabela de contigência estão situadas como *variáveis-linha* podem ser tomadas, em outro momento de análise como *variáveis-coluna*. O gráfico gerado pela técnica da análise fatorial de correspondência não indica uma relação de causa e efeito. A análise fatorial de correspondência é uma técnica própria para explorar graficamente tabelas de contigências, levando o investigador a perceber associações possíveis e interpretá-las. ¹¹

Enquanto procedimento, para fazermos uso da análise fatorial de correspondência, é preciso construir uma série de tabelas de contigência justapostas. Por exemplo: *grupo profissional x religião*; *grupo profissional x tipo de música preferido*; *grupo profissional x esporte predileto*; *grupo profissional x estilo de decoração predileto etc etc*. Teremos então uma tabela que tem como linhas as diferentes categorias profissionais definidas, e como

¹¹ Para uma discussão pormenorizada do uso da técnica de análise fatorial de correspondência em estatística, ver Callegari-Jacques (1991) e Souza (1992). Para exemplos de uso desta abordagem ver Bourdieu (1984) e Fachel et al. (1992)

colunas justapostas as tipologias de religiao, gosto musical, gosto esportivo, gosto em decoracao, etc.

O *SPHINX*, programa informatizado da análise fatorial de correspondência, gerará um gráfico que nos permite observar visualmente o grau de associação entre (no exemplo fictício) tipos de grupos profissionais e os tipos de gosto. Para a geração das tabelas de contingência que servem de entrada de dados para o *SPHINX* utilizamos o *SPSS* como ferramenta de leitura e quantificação dos dados diretamente a partir do banco de dados, utilizando, como foi indicado, para as questões abertas as tipologias sistematizadas. Nesta fase pode-se também medir a significância estatística das associações detectadas nas tabelas originais através do teste qui-quadrado.

Concluiremos com outro exemplo de aplicação da análise fatorial de correspondência, este trabalhando com dados preliminares da investigação em curso. Buscamos estabelecer as relações entre o uso ou não de métodos contraceptivos e determinadas variáveis demográficas. A partir da leitura de algumas questões do REE (Roteiro Etnográfico de Entrevista) diretamente relacionadas ao uso de métodos contraceptivos, construiu-se uma tipologia de forma a contemplar todos os aspectos evidenciados a este respeito. Esta tipologia incluía tanto os diferentes tipos de métodos contraceptivos, como as razões objetivas para o não uso destes. A fim de tornar a técnica mais significativa, agrupou-se algumas categorias, restando ao final cinco categorias centrais:

Nao Usa Nenhum Método Contraceptivo

Gravidez
Pílula e Diu
Métodos Tradicionais (Coito Interrompido e outros métodos)
Esterilização Cirúrgica (masculina e feminina)

Esta tipologia foi *cruzada* com as seguintes variáveis demográficas (que por sua vez também foram agrupadas em tipos ou intervalos):

Sexo
Idade
Tipo de aliança/estado civil (aliança formal, informal, solteiro, separado, viúvo)
Tempo da aliança
Número de Alianças
Número de Filhos
De quantas alianças resultam os filhos
Classificação da Atividade de Trabalho (trabalho fixo, eventual, dona-de-casa, aposentado, desempregado)
Quantas gerações está na cidade
Meio Social de origem (rural ou urbano)

Estas variáveis foram colocadas no SPSS a fim de estabelecer suas frequências para a população em questão. Através do *SPHINXS* realizou-se o cruzamento das variáveis demográficas com a tipologia gerada a partir do software. Algumas das questões - tais como o *meio social de origem* e a *geração que está na cidade de Porto Alegre* - mostraram não possuir nenhuma relevância para o objeto em questão, sendo assim excluídas da análise.

Pelo uso da análise fatorial de correspondência pode-se observar algumas associações importantes para o entendimento a respeito do uso ou não de métodos contraceptivos por parte da população em questão. Quanto ao uso de algum método contraceptivo, seja este médico (como a pílula anticoncepcional ou o Diu) ou tradicional (tal como o coito interrompido ou uso de chás) observa-

se (conforme a figura 7 e 8) a associação desta prática com as mulheres que se encontram entre 26 a 35 anos, têm uma aliança formal, possuem um ou dois filhos, sendo que tiveram até o momento da entrevista apenas uma aliança, com os filhos resultantes desta mesma aliança, ver gráficos (figuras 7 e 8). O gráfico seguinte (figura 9) mostra que os maridos destas mulheres que utilizam métodos contraceptivos possuem um trabalho fixo e têm também um ou dois filhos.

No que diz respeito a prática da esterilização cirúrgica observa-se sua associação, pelos gráficos 8 e 10, com as mulheres que estão na faixa etária dos 36 a 45 anos, possuem um trabalho fixo, uma aliança oficial, sendo esta de 10 ou mais anos. Ainda no gráfico da figura 10 pode-se ver a associação da esterilização cirúrgica com os homens que possuem 3 ou mais filhos, sendo estes resultantes de uma mesma aliança.

O não uso de nenhum método contraceptivo está relacionado, por sua vez, com as mulheres que possuem uma aliança informal, já tiveram no decorrer de suas vidas duas ou mais alianças, sendo que os filhos não são de uma só aliança. Quanto aos homens cuja companheira não utiliza método contraceptivo percebe-se que estes também tiveram duas ou mais alianças, com filhos também resultantes de mais de uma aliança.

Tomando estas associações pode-se ver que existe uma relação bastante forte entre o uso de métodos contraceptivos e a estabilidade da situação social - expressa aqui através da classificação da atividade de trabalho, do número, tempo e formalidade da aliança.

Assim, as mulheres que fazem uso de algum tipo de método contraceptivo, seja este método médico ou tradicional, são aquelas que possuem também uma situação social mais estável, isto é, cujos maridos têm um trabalho fixo, que tem uma aliança de tipo formal, cujos filhos são todos desta mesma aliança. São ainda as mulheres que se encontram entre os 26 e 35 anos. É interessante ainda destacar que tanto os métodos contraceptivos tradicionais, como dos métodos contraceptivos médicos, possuem o mesmo perfil de usuárias. Pelo contrário, as mulheres que não utilizam nenhum método contraceptivo estão entre os 13 e 25 anos e possuem uma situação social é mais instável.

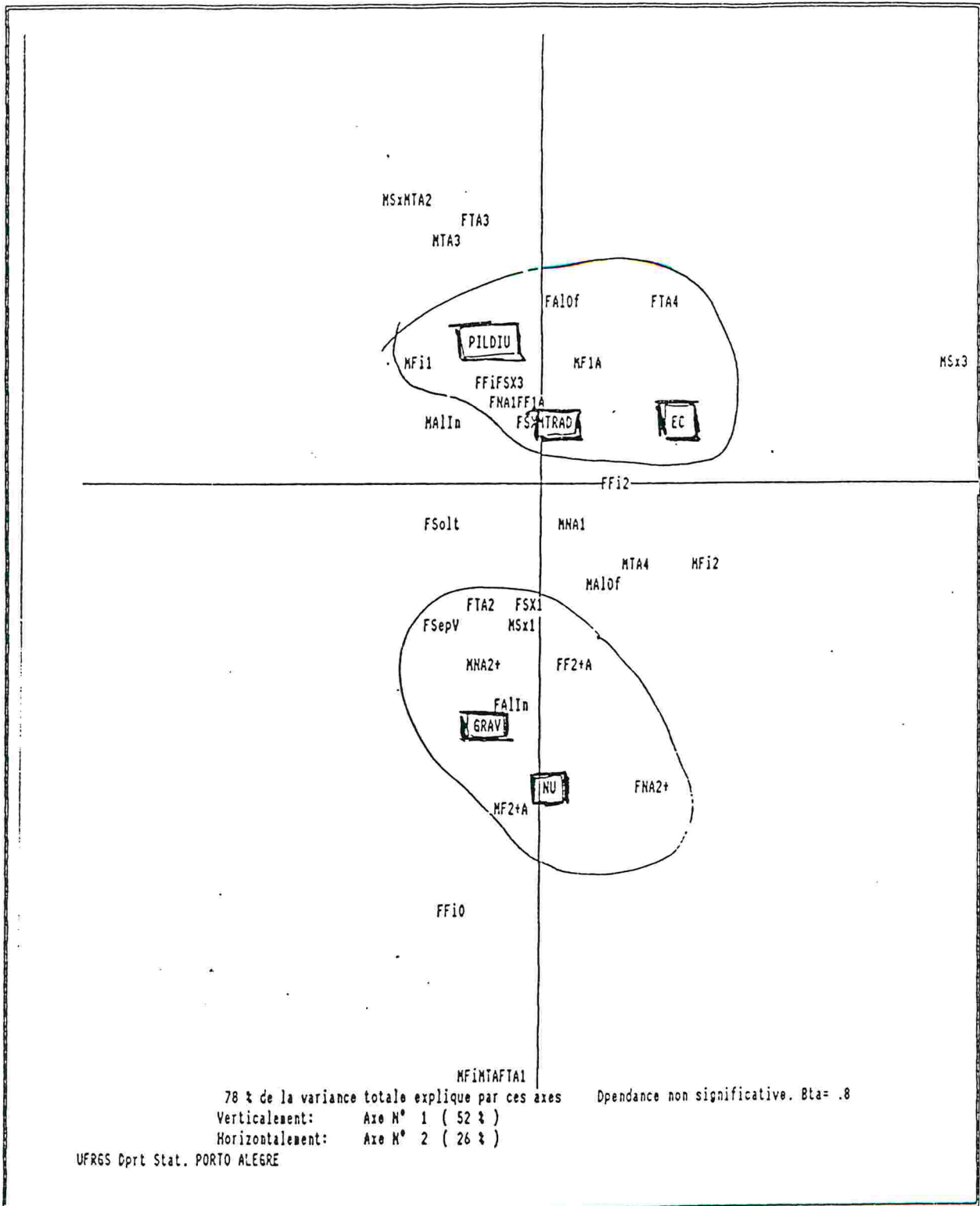


Figura 7

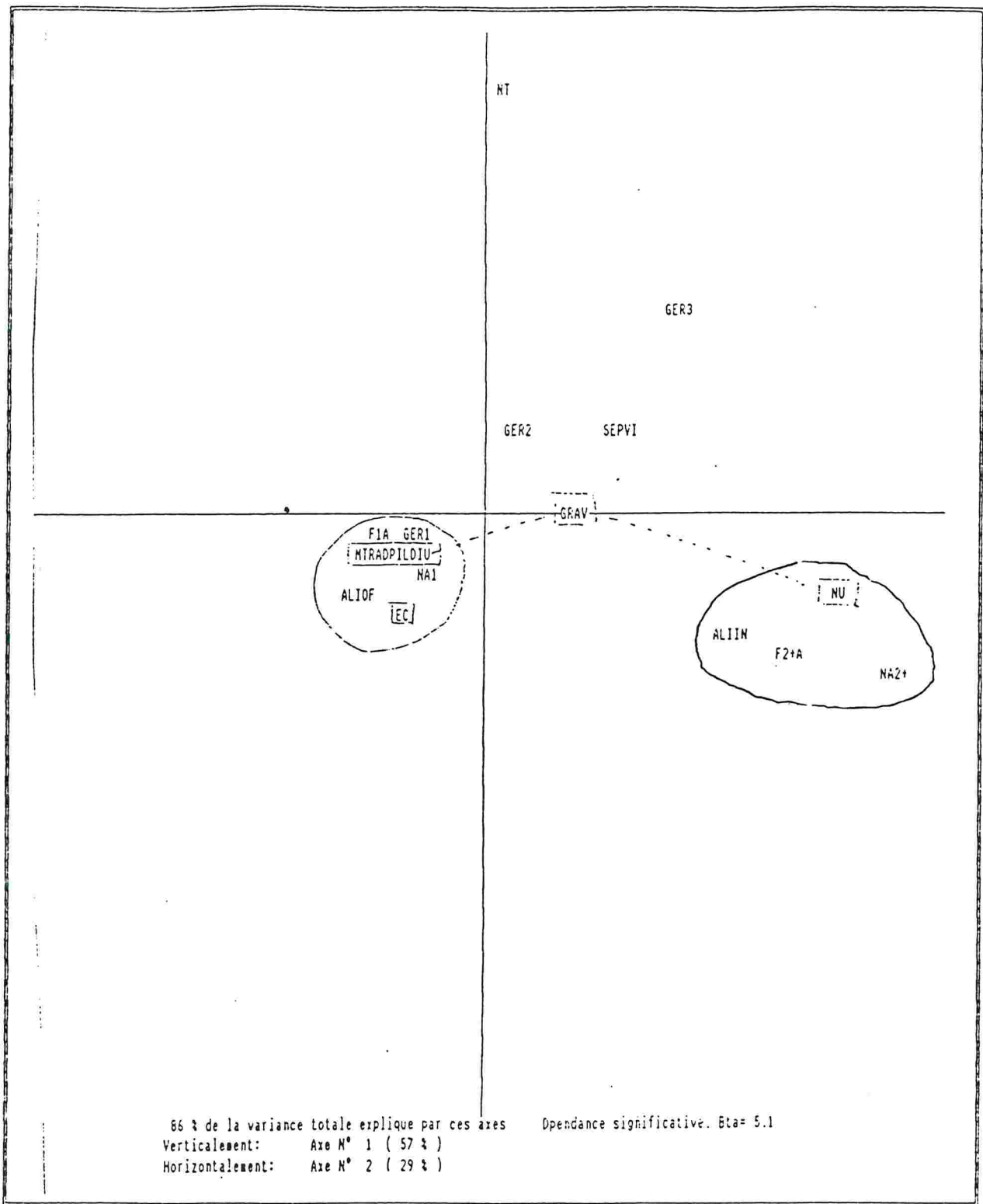


Figura 8

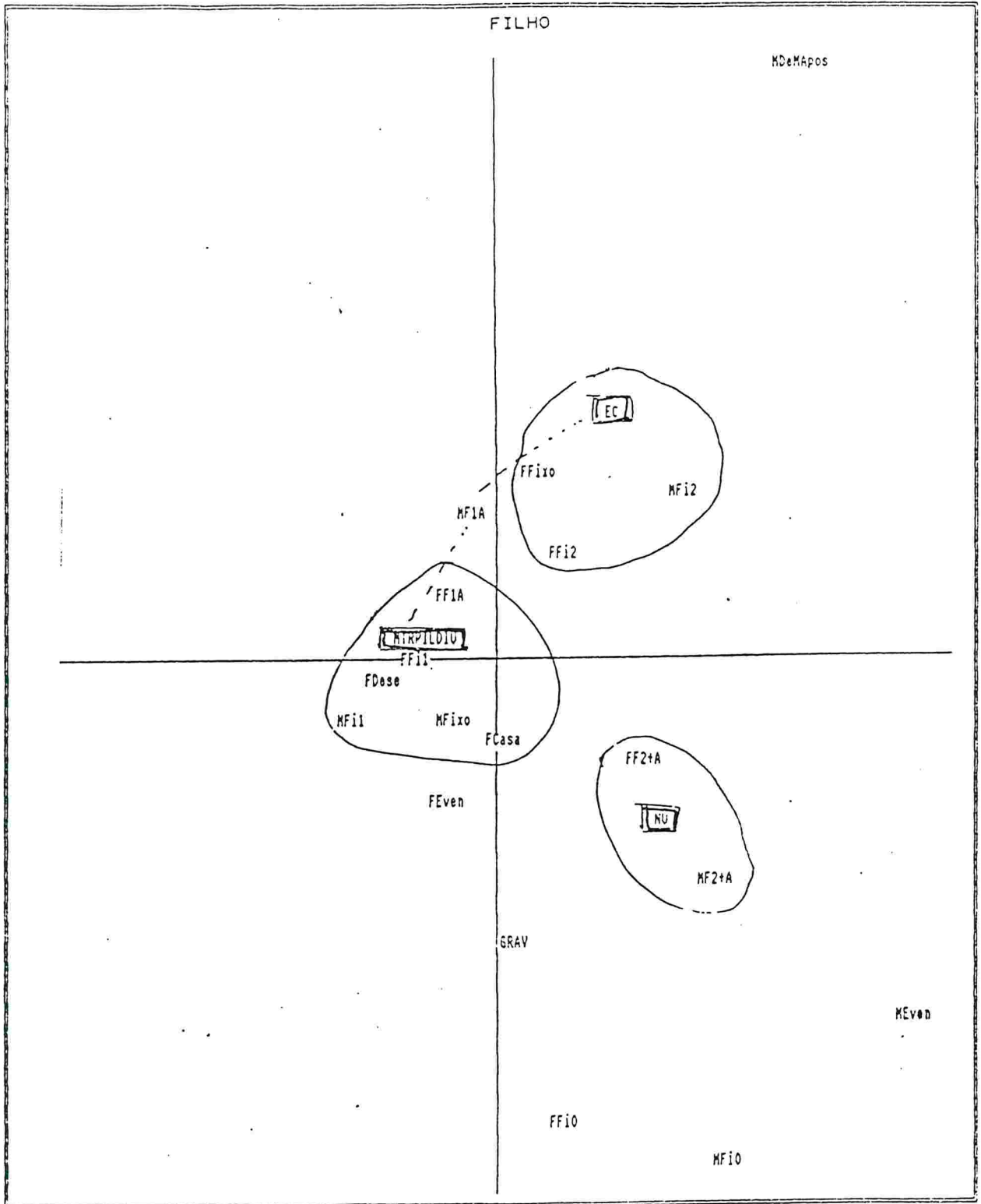


Figura 9

Referências Bibliográficas

- Agar, M. - *The Professional Stranger: An Informal Introduction to Ethnography*. New York: Academic Press, 1980.
- Augé, M. - "Ordre Biologique, Ordre Social: La Maladie Forme Elementaire de Evenement". In Augé e Herzlich: *Le Sens du Mal: Anthropologie, Histoire, Sociologie de la Maladie*. Paris: Archives Contemporaines, 1986.
- Bastide, R. - "Técnicas de Repouso e Relaxamento". In Queiroz (org): *Roger Bastide*. São Paulo: Atica, 1983.
- Becker, H. - *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- Bourdieu, P. - *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge: Havard University Press, 1984.
- Dos Anjos, J. - *O Território da Linha Cruzada: Rua Mirim versus Avenida Nilo Pecanha, Porto Alegre (1992-3)*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Porto Alegre, PPGAS - UFRGS, 1993.
- Fachel, J. - *The C-Type Distribution as an Underlying Model for Categorical Data and its Use in Factor Analysis*. PhD Dissertation, London School of Economics, University of London, 1987.
- Fachel et al. - "Correspondence Analysis: An Application to ethnographic Data". In *Cadernos de Matemática e Estatística*, UFRGS, 1991.
- Heggenhougen et al. - *Medical Anthropology and Primary Health Care*. London: EPC Publications, 1990.
- Hertz, R. - "La Preeminence de la Main Droit: Etude sur la Polarité Religieuse". In: *Sociologie Religieuse et Folklore*. Paris: PUF 1970.
- Knauth, D. - *Os Caminhos da Cura: Sistema de Representações e Práticas Sociais sobre Doença e Cura em uma Vila de Classe Popular em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGAS - UFRGS 1991.
- Leal e Lewgoy - "Pessoa, Aborto e Contracepção". Trabalho apresentado no GT Pessoa, Corpo e Doença na XIX Reunião da ABA, Niteroi, Março 1994.
- Leroi-Gourhan, A. - *O Gesto e Palavra* (2 vol.). Lisboa: Edições 70.
- Mauss, M. - "As Tecnicas Corporais". In Mauss: *Sociologia e*

Antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.

Peacock, J. - *The Anthropological Lens*. Cambridge University Press 1986.

Scrimshaw et al. - *Rapid Assessment Procedures: Anthropological Approaches to Improving Programme Effectiveness*. Los Angeles, UCLA Latin American Center Publications 1987.

Victora, C. - *Mulher, Sexualidade e Reprodução: Representações de Corpo em uma Vila de Classes Populares em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGAS - UFRGS 1991.

Série A: Trabalho de Pesquisa

1. Marcos Sebastiani Artecona - Transformation des Singularités - MAR/89
2. Jaime Bruck Ripoll - On a Theorem of R. Langevin about Curvature and Complex Singularities - MAR/89
3. Eduardo Cisneros, Miguel Ferrero e Maria Inés Gonzales - Prime Ideals of Skew Polynomial Rings and Skew Laurent Polynomial Rings - ABR/89
4. Oclide José Dotto - ε -Dilations - JUN/89
5. Jaime Bruck Ripoll - A Characterization of Helicoids - JUN/89
6. Mark Thompson e V. B. Moscatelli - Asymptotic Distribution of Liusternik-Schnirelman Eigenvalues for Elliptic Nonlinear Operators - JUL/89
7. Mark Thompson - The Formula of Weyl for Regions with a Self-Similar Fractal Boundary - JUL/89
8. Jaime Bruck Ripoll - A Note on Compact Surfaces with Non Zero Constant Mean Curvature - OUT/89
9. Jaime Bruck Ripoll - Compact ε -Convex Hypersurfaces - NOV/89
10. Jandyra Maria G. Fachel - Coeficientes de Correlação Tipo-Contigência - JAN/90
11. Jandyra Maria G. Fachel - The Probability of Occurrence of Heywood Cases - JAN/90

12. Jandyra Maria G. Fachel - Heywood Cases in Unrestricted Factor Analysis - JAN/90
13. Julio Cesar R. Claeysen e Tereza Tsukazan de Ruiz - Dynamical Solutions of Linear Matrix Differential Equations - JAN/90
14. Maria T. Albanese - Behaviour of the Likelihood in Latent Analysis of Binary Data - ABR/91
15. Maria T. Albanese - Measurements of the Latent Trait Analysis of Binary Data - ABR/91
16. Maria T. Albanese - Adequacy of the Asymptotic Variance-Covariance Matrix Using Bootstrap Jackknife Techniques in Latent Trait Analysis of Binary Data - ABR/91
17. Maria T. Albanese - Latent Variable Models for Binary Response - ABR/91
18. Mark Thompson - Kinematic Dynamo in Random Flows - DEZ/90
19. Jaime Bruck Ripoll e Marcos Sebastiani Artecona - The Generalized Map and Applications - AGO/91
20. Jaime Bruck Ripoll, Suzana Fornari e Katia Frensel - Hypersurfaces with Constant Mean Curvature in the Complex Hyperbolic Space - AGO/91
21. Suzana Fornari e Jaime Bruck Ripoll - Stability of Compact Hypersurfaces with Constant Mean Curvature - JAN/92
22. Marcos Sebastiani Artecona - Une Généralisation de L'Invariant de Malgrange - FEV/92
23. Cornelis Kraaikamp e Artur Lopes - The Theta Group and the Continued Fraction with Even Partial Quotients - MAR/92

24. Silvia Lopes - Amplitude Estimation in Multiple Frequency Spectrum - MAR/92
25. Silvia Lopes e Benjamin Kedem - Sinusoidal Frequency Modulated Spectrum Analysis - MAR/92
26. Silvia Lopes e Benjamin Kedem - Iteration of Mappings and Fixed Spectrum Analysis - MAR/92
27. Miguel Ferrero, Eduardo Cisneros e Maria Ines Gonzales - Ore Extensions and Jacobson Rings - MAI/92
28. Sara C. Carmona - An Asymptotic Problem for a Reaction-Diffusion Component - JUL/92
29. Luiz Fernando Carvalho da Rocha - Unique Ergodicity of Interval Exchange Maps - JUL/92
30. Sara C. Carmona - Wave Front Propagation for a Cauchy Problem With a Fast Component - OUT/92
31. Marcos Sebastiani Artecona e Iván Pan Pérez - Intersections Transverses dans l'Espace Projectif - OUT/92
32. Miguel Ferrero - Closed Bimodules over Prime Rings: Closed Submodules and Applications to Rings Extensions - DEZ/92
33. Dinara W. X. Fernandez - Método da Máxima Verossimilhança Restrita para Estimaco de Componentes de Varincia - SET/93
34. Martin Knott e M. Teresa Albanese - Polymiss: A Computer Program for Fitting a One- or Two-Factor Logit-Probit Latent Variable Model to Polynomous Data when Observations may be Missing - OUT/93
35. Peter Struss e Waldir L. Roque - Foundations and Applications of Qualitative Reasoning and Model-Based-Diagnosis - OUT/93

36. Edmund R. Puczyłowski - On Koethe's Problem - OUT/93
37. Luis G. Mendes e Marcos A. A. Sebastiani Artecona - Sur la Densité des Systèmes de Pfaff sans Solution Algébrique - JAN/94
38. Artur O. Lopes e Luiz F. C. da Rocha - Invariant Measures for Gauss Maps Associated with Interval Exchange Maps - MAR/94
39. Artur O. Lopes e Roberto Markarian - Open Billiards: Cantor Sets, Invariant and Conditionally Invariant Probabilities - AGO/94
40. Pierre Collet, Antonio Galves e Artur O. Lopes - Maximum Likelihood and Minimum Entropy Identification of Grammars - AGO/94
41. Ondina F. Leal e Jandyra M. G. Fachel - Antropologia do Corpo e Pesquisa sobre Sexualidade: Dados Qualitativos e Tratamento Estatístico, uma Proposta Metodológica - DEZ/94.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
NÚCLEO DE ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Os Cadernos de Matemática e Estatística publicam as seguintes séries:

Série A: Trabalho de Pesquisa

Série B: Trabalho de Apoio Didático

Série C: Colóquio de Matemática SBM/UFRGS

Série D: Trabalho de Graduação

Série F: Trabalho de Divulgação

Série G: Textos para Discussão

Toda correspondência com solicitação de números publicados e demais informações deverá ser enviada para:

NAEC - NÚCLEO DE ATIVIDADES EXTRACURRICULARES
INSTITUTO DE MATEMÁTICA - UFRGS
AV. BENTO GONÇALVES, 9500 - PRÉDIO 43111
CEP 91509 - 900 AGRONOMIA - POA/RS
FONE: 336 92 22 OU 339 13 55 OU 228 16 33
RAMAL 6197
FAX: 336 15 12